SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFG

A BUSCA DE ROGÉRIO SGANZERLA PELO CINEMA BRASILEIRO DO FUTURO A PARTIR DO PARADIGMA DE JOSÉ MOJICA MARINS

GARCIA, Estevão

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás

NETO, Lucena

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás

TAVARES, Pedro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás

SANTANA, Leonardo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás

Sganzerla, natural de Joaçaba, Santa Catarina, vivia em São Paulo desde a adolescência e nesta cidade torna-se frequentador assíduo da Cinemateca Brasileira, de cineclubes, cinemas e dos corredores do curso de cinema da São Luiz. E dentro desse mesmo circuito também transitavam outros amantes de cinema que, assim como ele, logo se tornariam críticos ou cineastas do Cinema Marginal paulistano. Para essa geração, acostumada a assistir filmes japoneses sem legenda nas salas do bairro da Liberdade, devoradora de filmes B hollywoodianos e de filmes de arte europeus, de Oswald de Andrade e Histórias em Quadrinhos, era de certa forma natural não estabelecer hierarquias entre o que era considerado baixa e alta cultura. Os gêneros considerados mais desprezíveis pela elite e pela esquerda tradicional, a canção tida como a mais cafona, os objetos classificados com os mais *kitsch* serão deglutidos em um pantagruélico apetite intertextual. Não é por acaso que Sganzerla e seu amigo Jairo Ferreira vão fazer o elogio ao "filme ruim" e através dele vão pensar o futuro do cinema brasileiro. Foi estudado como o jovem Sganzerla se coloca como artista de vanguarda no embate com o Cinema Novo e se apropria da figura de José Mojica Marins, criador do personagem Zé Caixão, como tradição e paradigma. O quadro contextual foi o Cinema Marginal da Boca do Lixo e sua defesa do "filme ruim". Um expressivo levantamento hemerográfico, realizado nos arquivos digitais de periódicos, das críticas, ensaios e entrevistas em que Sganzerla mobiliza o conceito de “filme ruim” ou cita o nome de

Mojica como referência foi realizado. De igual maneira um cuidadoso visionamento dos filmes seguido de discussões e análises foram efetivados. Afim de aprofundarmos a compreensão da noção de "filme ruim" dos críticos e cineastas Sganzerla e Jairo Ferreira estudamos como essa mesma noção é desenvolvida na obra do teórico e pensador Paulo Emilio Sales Gomes como forma de valorização das particularidades do cinema brasileiro. No dia 20/5/2026 os três discentes apresentaram uma comunicação relatando suas experiências no projeto no contexto da I Jornada de Cinema do BACINE. Do dia 1/8 ao dia 29/8 elaboraram o texto que será publicado nos Anais do evento. A leitura dos materiais coletados foi direcionada à produção de artigo científico realizado por cada um dos três discentes participantes sob a orientação do coordenador. Lucena Neto elaborou o artigo "A presença e a ausência de construções concessivas como fundamento da vanguarda de Sganzerla: do Suplemento Literário à repercussão de *O bandido da luz vermelha* (1964-1969)", Pedro Henrique Tavares escreveu o ensaio "Antropofagia e metalinguagem no cinema ruim brasileiro a partir da encarnação do cineasta como vampiro" e Leonardo Santana da Costa de Carvalho redigiu o texto "Quando o 'filme ruim' vira linguagem: a Boca do Lixo e a ressignificação do mau gosto". Por meio desse projeto conseguimos engajar os três estudantes na pesquisa sobre o cinema brasileiro e capacitá-los para a pesquisa, a escrita de artigos acadêmicos e a apresentação de comunicação em congresso. Em nossa avaliação, todos os objetivos foram atendidos.

Palavras-chave

cinema brasileiro; Rogério Sganzerla; José Mojica Marins; vanguarda; "filme ruim"

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás a partir do Edital Nº 21/2025-PROPPG. Agradecemos ao CNPq pela bolsa concedida ao discente Lucena Lucena Neto.